

PODER

Bolsonaro sente derrota no STF

Presidente aproveita cerimônia no Palácio do Planalto para, exaltado, criticar Corte e ministros. Horas antes, magistrados cassaram, por 3 x 2, liminar que restaurava mandato de político acusado de espalhar mentiras pelas redes sociais

» LUANA PATRIOLINO
» CRISTIANE NOBERTO

Alan Santos/PR



Bolsonaro irritado com o Supremo: “Deputados que estão aqui e os que estejam nos ouvindo: vai chegar a sua hora se você não se indignar”

Poucas horas depois da cassação, pela segunda turma do Supremo Tribunal Federal (STF), da liminar que restaurou o mandato de deputado estadual de Fernando Francheschini (União Brasil), o presidente Jair Bolsonaro (PL) desferiu, ontem, vários ataques aos ministros da Corte. Muito exaltado, aproveitou a cerimônia Brasil pela Vida, no Palácio do Planalto, para defender o ex-parlamentar — que perdeu o mandato por espalhar mentiras nas redes sociais — e acusar o Supremo de criar “jurisprudências” para perseguir seus aliados.

“Deputados que estão aqui e os que estejam nos ouvindo: vai chegar a sua hora se você não se indignar. Não existe especificação penal para fake news. Se for para punir como fake news a derubada de páginas, fechem a imprensa brasileira, que é uma fábrica de fake news”, atacou.

A derrota na segunda turma do STF foi por 3 x 2. Votaram a favor de Francheschini os ministros Nunes Marques — que concedeu a liminar restaurando o mandato — e André Mendonça. Contrariamente ficaram Edson Fachin, Ricardo Lewandowski e Gilmar Mendes.

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) cassou o mandato de Francheschini porque, em 2018, fez uma transmissão ao vivo nas redes sociais, no dia das eleições, alegando fraude nas urnas eletrônicas. Bolsonaro defendeu o aliado e repetiu a mentira do político paranaense.

“O que ele falou na live eu também falei para todo mundo, que estava tendo fraude nas eleições de 2018. Quando se aperta o número 1, já aparecia o 13 na tela e confirmava a votação. Foram dezenas de vídeos. Dezenas de pessoas ligaram para mim durante a noite, naquela primeira votação do primeiro turno de 2018. Isso é uma verdade!”,



Tenho a família toda perseguida, até minha esposa. Canalhas! Venham para cima de mim se são homens”

Presidente Jair Bolsonaro, reagindo à cassação da liminar que restaurou o mandato de um político que o apóia no Paraná

reforçou o presidente.

A certo momento da cerimônia, Bolsonaro decidiu atacar Fachin, presidente do TSE. Disse que o ministro cometeu um “estupro à democracia brasileira” ao convidar embaixadores para tratar, no mês passado, da segurança das eleições de outubro.

“De forma indireta, ataca a Presidência da República como um homem que não respeita a Constituição, que não respeita o processo eleitoral, que pensa em dar um golpe. O que é isso se não um arbítrio, um estupro à democracia brasileira? Para mim, é muito mais fácil estar do outro lado. Tenho a família toda perseguida, até minha esposa. Canalhas! Venham para cima de

mim se são homens”, desafiou.

Votação

A decisão sobre a liminar concedida por Nunes Marques seria, inicialmente, pelo plenário virtual do STF. Os ministros Cármen Lúcia e Fachin chegaram a depositar seus votos, cassando a decisão monocrática, mas Mendonça pediu vistas alegando que corria o risco de a Corte chegar a duas conclusões sobre um mesmo tema. Isso porque Nunes Marques já havia decidido levar a questão para a segunda turma, da qual é presidente.

Na votação do mérito, ele argumentou a falta de elementos probatórios das mentiras de

Francheschini e o “ineditismo da interpretação” adotada pela Justiça Eleitoral. “É claramente desproporcional e inadequado por uma simples analogia judicial, aliás com a eficácia retroativa, equiparar a internet aos demais meios de comunicação”, defendeu Nunes Marques.

Mendonça acompanhou o voto, afirmando que “um ato praticado a 22 minutos do encerramento do pleito eleitoral não teve o condão de alterar a lisura (da eleição) ou de influenciar, de modo ainda que não apenas não significativo, mas de modo também a não impactar aspectos circunstanciais ou pontuais do próprio processo eleitoral”.

Fachin foi o primeiro a

» Indenização para jornalistas

O presidente Jair Bolsonaro (PL) foi condenado, ontem, a pagar R\$ 100 mil por dano moral coletivo aos jornalistas, em indenização à ação civil pública impetrada pelo sindicato da categoria de São Paulo. A decisão é da juíza Tamara Hochgreb Matos, da 24ª Vara Cível da Comarca de São Paulo. Em 7 de abril de 2021, Dia do Jornalista, a entidade pediu na Justiça que Bolsonaro se abstivesse de realizar manifestações com “ofensa, deslegitimação ou desqualificação à profissão de jornalista ou à pessoa física dos profissionais de imprensa”. Na decisão, a magistrada salientou que “tais agressões e ameaças vindas do réu, que é nada menos do que o Chefe do Estado, encontram enorme repercussão em seus apoiadores, e contribuíram para os ataques virtuais e até mesmo físicos que passaram a sofrer jornalistas em todo o Brasil”. O dinheiro seguirá para o Instituto Vladimir Herzog.

discordar. Para o ministro, “a decisão proferida pelo TSE está correta e adequada à ordem jurídica”. Lewandowski também votou contra a decisão de Nunes Marques, pois para ele não haveria nos “autos situação de excepcionalidade em que se mostre patente a plausibilidade jurídica do recurso extraordinário por manifesta contrariedade com a decisão prolatada pela Corte”.

Gilmar Mendes decretou o 3 x 2 contra Francheschini. “A meu ver, descabe afirmar que a jurisprudência do TSE desconsiderava por completo a possibilidade de uso indevido de meio de comunicação se configurar por meio da internet ou de redes sociais”, salientou.

Desconfiança sobre a vitória de Biden antes de ir aos EUA

» INGRID SOARES

Na véspera de viajar para os Estados Unidos, onde desembarca, hoje, em Los Angeles, para participar da 9ª Cúpula das Américas, o presidente Jair Bolsonaro (PL) voltou a lançar dúvidas sobre a derrota de Donald Trump e a lisura do pleito americano. Apesar de estar agendada, para amanhã, uma reunião bilateral com Joe Biden, isso não impediu o brasileiro de insistir numa suposta fraude nas urnas.

“Quem diz é o povo americano. Eu não vou entrar em detalhes na soberania de outro país.

Agora, o Trump estava muito bem. E muita coisa chegou, que a gente fica com o pé atrás. A gente não quer que aconteça isso no Brasil. Tem informações dos próprios brasileiros de que teve quem votasse mais de uma vez”, disse, ontem, em entrevista ao SBT News.

Bolsonaro também justificou por que não aceitou um convite, feito anteriormente, para comparecer ao evento. Segundo ele, “não ia ser moldura de retrato para ninguém”.

“Fomos convidados, eu falei que não ia. Mas, daí, veio um representante dele aqui e nós

acertamos algumas coisas. Eu não ia ser moldura de retrato para ninguém. Tínhamos um bom relacionamento com o governo anterior, de Donald Trump. E quando Joe Biden assumiu, ele simplesmente congelou esse relacionamento. Não brigamos, continuamos fazendo comércio etc. Agora, é um evento que, sem o Brasil, é bastante esvaziado”, afirmou.

Meio ambiente

O presidente não quis adiantar o que será tratado com Biden. Mas disse que caso o

presidente americano entre na questão ambiental, “já sabe como proceder”.

“Nenhum país do mundo tem moral para falar em preservação ambiental para o Brasil. Nós preservamos dois terços do nosso território. Se sobrevoar os EUA, não vai ver mata ciliar, o mesmo (acontece) na Europa. Eles têm a petulância de falar que devemos reflorestar. Quem tem que reflorestar são eles. É uma política de atacar o Brasil porque estão em jogo as commodities e o agronegócio”, defendeu.

Bolsonaro acredita que entre os temas a serem tratados

com Biden está a possível exploração de nióbio. “Conversei muita coisa com o Trump lá atrás. A questão da possível exploração de nióbio agregando valor para nós também. Vamos ver qual vai ser a dinâmica que ele vai dar para o lado de lá. Sabemos da estatura do Brasil e dos EUA, sabemos que a economia deles é dezenas de vezes maior do que a nossa, de seu potencial bélico nuclear, da influência deles no mundo”, salientou.

Ele crê que Biden “não vai querer impor” sua visão sobre a Amazônia. “Ele não vai, no

meu entender, querer impor algo sobre o que eu devo fazer na Amazônia. Não vai. Ele deve ter informações, me conhece. Conhece mais do que a mim, conhece a região. Nós não podemos relativizar a nossa soberania. Ninguém está interessado em girafa, nem em hipopótamo da Amazônia. O interesse é exatamente em outras coisas que tem lá. É uma região fantástica em biodiversidade, em recursos minerais”, observou.

Antes da viagem para os EUA, Bolsonaro vai ao Rio de Janeiro, onde participará de um encontro com empresários.



ALEXANDRE GARCIA

O QUE PRETENDE LULA? TORNAR SUA CANDIDATURA INVIÁVEL E TER UM PRETEXTO PARA DESISTIR E SE CONSOLIDAR LÍDER DE UM SEGMENTO SEM CORRER O RISCO DE UMA DERROTA COMO FIM DE CARREIRA?

O mistério Lula

Andando pelo meu Rio Grande do Sul, percebo, nos lugares em que se reuniram para me ouvir, que as pessoas imaginam que, vivendo em Brasília, posso saber mais do que elas. No entanto, hoje todos têm o mesmo acesso à informação, desde que as redes sociais substituam o monopólio da notícia. Agora, quem está no interior do Rio Grande do Sul — ou no interior do Acre — tem acesso às mesmas informações que tenho tido como vizinho da Praça dos Três Poderes. Claro que permanecem alguns mistérios.

Um deles, para mim, foi aquela ida de Michel Temer ao Palácio

do Planalto, em 9 de setembro, levando um rascunho de declaração, supostamente para fazer uma paz com Alexandre de Moraes, que nunca foi posta em prática. Segundo Jair Bolsonaro, Moraes não cumpriu o que fora combinado.

Outro mistério, que se tornou ainda mais forte aqui no Rio Grande depois da visita de Lula, e deixou os gaúchos da roda de chimarrão à beira do fogo ainda mais desconfiados e curiosos: o que pretende Lula? Faz declarações que afastam e assustam eleitores. Imagina dizer que vai desarmar todo mundo.

Aqui no Rio Grande, o referen-

do de 2005 sobre armas deu 87% a favor delas. O estado foi o campeão das armas, bem acima da média nacional de 64%. Aliás, a lei do desarmamento não seguiu a vontade da maioria. Lula contrariou a maioria gaúcha na questão das armas — um assunto que a diplomacia político-eleitoral recomenda calar por aqui.

Como se sabe, também brigou com o Agro. Aí, foi para o interior do estado e não conseguiu chegar a Passo Fundo, bloqueado por manifestações hostis. Cancelou o restante da viagem por razões de segurança.

Essa atitude de gerar conflito também aconteceu com parlamentares, que ele recomendou serem assediados com pressão sobre suas

famílias, em seus endereços privados. Faz xingamentos por todos os lados, deixando a interrogação: o que quer Lula? Tornar sua candidatura inviável?

Agora mesmo saiu um esboço de programa de governo do PT: revogar o teto de gastos, que é constitucional; revogar a reforma trabalhista, as privatizações, controlar o câmbio, a mídia, o direito ao aborto. Tudo dependendo do Congresso e até de mudança constitucional, incluindo questões impossíveis de mudar, com fatos econômicos já consolidados, como estatais privatizadas. Implantar a censura, revogando o artigo 220 da Constituição, já que fala em “coibir a propagação de mentiras”. (Vão criar o Ministério da Verdade?) O programa tem

um capítulo que é um deboche: combater a corrupção.

Tem gente assustando por aqui, enquanto sorve o chimarrão quente para se proteger do frio: o que pretende Lula? Tornar sua candidatura inviável e ter um pretexto para desistir e se consolidar líder de um segmento sem correr o risco de uma derrota como fim de carreira? Lula fechou-se para a esquerda moderada ao declarar que o PSDB acabou. E faz afirmações típicas de extrema esquerda. Parece ter optado por se tornar um símbolo dessa esquerda que refuta o direito de propriedade, que é pela luta de classes, pela união de uma América Latina socialista.

Isso gera mais rejeição, mas garante um lugar na galeria da liderança de esquerda mais à esquerda.